

**DO AUDIOVISUAL ÀS AUDIOVISUALIDADES: O TRABALHO
PEDAGÓGICO SOBRE DROGAS EM ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DA
CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

**DEL AUDIOVISUAL A LAS AUDIOVISUALIDADES: TRABAJO
PEDAGÓGICO SOBRE DROGAS EN LAS ESCUELAS PÚBLICAS
MUNICIPALES DE LA CIUDAD DE RÍO DE JANEIRO**

Flávio da Silva Miranda

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PPGEBS), Instituto Oswaldo Cruz (IOC), Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e integrante do Grupo de Pesquisa Educação e Drogas (GPED), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
flaviosmiranda@outlook.com

Francisco José Figueiredo Coelho

Docente do Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PPGEBS), Instituto Oswaldo Cruz (IOC), Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e integrante do Grupo de Pesquisa Educação e Drogas (GPED), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
educacaosobredrogas@gmail.com

Maria de Lourdes da Silva

Docente do Programa de Pós-graduação em Ensino de Química (Pequi), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e integrante do Grupo de Pesquisa Educação e Drogas (GPED), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
lullua2@yahoo.com.br

RESUMO

O uso de drogas e os conhecimentos sobre seus efeitos no organismo, estão presentes há muito tempo na sociedade. O Brasil optou pela importação de um sistema pré-concebido de programa político criminal - um conjunto de práticas que configuram um enfoque proibicionista – que vêm produzindo o que chamamos de guerra às drogas. Conflitos que geram cenário de violência, belicista e de exclusão social. Esse panorama se reflete nas escolas, sendo reforçado por projetos educativos que em sua maioria envolvem debates voltados a abordagem proibicionista, que não geram resultados positivos. Encontramos nas audiovisualidades - enquanto termo plural e contemporâneo que se atualiza na chegada da *internet* e dos dispositivos móveis - possibilidades de desenvolver uma Educação para as drogas mais dialógica e democrática, amparada pela abordagem da Redução de Danos. Essa pesquisa objetivou encontrar a interferência de políticas públicas ligadas ao proibicionismo em contextos educativos. Num estudo qualitativo, analisamos abordagens pedagógicas em vídeos estudantis vencedores de um Concurso da rede pública municipal do Rio de Janeiro e sua relação com um conteúdo presente no Currículo Mínimo Irredutível. A partir da análise do discurso de M. Bakhtin, em conjunto com a

literatura apresentada, encontramos grande influência da abordagem proibicionista no material pesquisado.

Palavras-chave: audiovisualidades; educação para as drogas; redução de danos; vídeo estudantil.

Eixo temático: EIXO 1- Modalidades da educação básica, processos de aprendizagem e estratégias de ensino de ciências e biologia.

Modalidade: pesquisa acadêmica

RESUMEN

El uso de drogas y los conocimientos sobre sus efectos en el organismo están presentes desde hace mucho tiempo en la sociedad. Brasil adoptó un sistema preestablecido de programa político-criminal —un conjunto de prácticas que configuran un enfoque prohibicionista— que ha producido lo que se denomina guerra contra las drogas. Conflictos que generan violencia, belicismo y exclusión social. Este panorama se refleja en las escuelas, reforzado por proyectos educativos que, en su mayoría, promueven debates centrados en ese enfoque, sin resultados positivos. Encontramos en las audiovisualidades —como término plural y contemporáneo, actualizado con internet y dispositivos móviles— posibilidades para desarrollar una Educación para las drogas más dialógica y democrática, basada en la Reducción de Daños. Esta investigación tuvo como objetivo identificar la interferencia de políticas públicas vinculadas al prohibicionismo en contextos educativos. A través de un estudio cualitativo, analizamos enfoques pedagógicos en videos estudiantiles ganadores de un concurso de la red pública municipal de Río de Janeiro y su relación con un contenido presente en el Currículo Mínimo Irreductible. A partir del análisis del discurso de M. Bakhtin y la literatura revisada, identificamos una fuerte influencia del enfoque prohibicionista en el material analizado.

Palabras clave: audiovisuales; educación para las drogas; reducción de daños; vídeo de estudiante.

Eje temático: EJE 1- Modalidades de educación básica, procesos de aprendizaje y estrategias de enseñanza de ciencias y biología.

Modalidad: investigación académica

INTRODUÇÃO

Apesar dos conhecimentos sobre os efeitos e os diferentes tipos de uso de substâncias psicoativas¹ possuírem contextos milenares em nossa sociedade (Ribeiro; Júnior, 2020),

¹ Segundo o Ministério da Saúde, atuam sobre o cérebro, modificando o seu funcionamento, podendo provocar alterações no humor, na percepção, no comportamento e em estados da consciência. Fonte: (<https://bit.ly/3YDkS4c>).

o Brasil optou pela importação de um sistema pré-concebido de programa político criminal que, a partir do século XX veio se solidificando ao redor do mundo. Implementando um conjunto de reformas que configuram enfoque proibicionista refletindo em um cenário bélico e excludente de guerra às drogas (Rodrigues, 2014). Os desdobramentos e consequências dessas questões, se apresentam no dia a dia das escolas e perpassam a realidade de professores e educandos.

Autores como Coelho; Silva (2024) entendem que pensar em desafios e avanços no temário, é reconhecer a forte presença de políticas proibicionistas, que vêm influenciando modos de pensar e agir o pedagógico em projetos e espaços educativos.

Nas décadas de 1960 e 1970 órgãos internacionais, ao considerarem o uso abusivo de drogas um problema de saúde pública, passam a discutir abordagens preventivo-educativas. No Brasil, o Ministério da Educação e Cultura com o objetivo de preparar professores para o combate ao tráfico e ao uso de drogas nos espaços escolares, ofereceu cursos sobre malefícios do uso de substâncias entorpecentes. (Coelho; Silva, 2024). A lei 6.368/76 estabelecia que dirigentes de espaços de ensino seguissem com medidas necessárias à prevenção do tráfico ilícito e do uso indevido de drogas (BRASIL, 1976).

É interessante notar a presença frequente de práticas focadas nos efeitos negativos do uso, valorizando ações voltadas à visão proibicionista de combate às drogas e a centralidade da abordagem pedagógica na área das ciências da natureza (Coelho; Silva, 2024).

Pensando mais precisamente na educação relacionada à temática das drogas e na forma como ela vem sendo conduzida, trazemos para essa discussão a pesquisa desenvolvida por Silva (2019). Ao analisar materiais didáticos e paradidáticos, a autora identifica um núcleo invariável de conteúdos comuns e recorrentes, que denomina Currículo Mínimo Irredutível (CMI). Esse currículo passa por uma forte interferência das ciências médicas, remetendo a área da saúde como grande influenciadora na produção do conteúdo. Na análise de Silva (2019), muitos desses materiais educativos, seguem um roteiro básico

que trata da: - classificação das drogas segundo critérios precisos (origem, estatuto jurídico e ação no sistema nervoso); - descrição dos efeitos das drogas no organismo e no sistema nervoso central; - implicações e danos à saúde e à vida social, agregando outros fatores oriundos das políticas e práticas proibicionistas.

Levando em consideração dados que demonstram o aumento do consumo de substâncias psicoativas - seja de forma recreativa ou caminhando para práticas abusivas -, percebemos os insucessos das políticas públicas e educativas predominantes na sociedade e nos espaços escolares. Por isso, não é recente a preocupação com a apropriação dessas substâncias por estudantes da educação básica (Adade; Monteiro, 2014; Bastos, 2017; Coelho; Monteiro, 2019).

Professores reconhecem a importância desta discussão, mas costumam não se sentirem capazes de realizar ações educativas sobre o tema (Adade; Monteiro, 2014; Machado, 2023), soma-se a isso demandas por espaços de discussão e formação que assim como nos apresentam Coelho; Monteiro (2019) e Silva (2019), carecem de práticas que se afastem da abordagem proibicionista.

Assentimos com Coelho; Monteiro (2019) quanto à importância do ensino de Ciências e Biologia, como disciplinas fundamentais para a formação de cidadãos críticos e autônomos – enquanto sujeitos preocupados com a preservação da própria vida e da vida dos demais, sejam capazes de proteger sua saúde e buscar o bem-estar individual e coletivo. Assim, problematizamos a centralidade do trabalho pedagógico numa visão simplista, que desconsidera questões individuais, de vulnerabilidade e até sociais, e que podem levar os estudantes ao uso/abuso de drogas. Coelho; Monteiro (2019) e Silva (2019) concordam que na perspectiva da Educação para as Drogas é importante trabalhar em colaboração com outras áreas. A abordagem pedagógica que se orienta nessa perspectiva, é a Redução de Danos (RD), nela encontramos a presença de visões multidisciplinares, incluindo as produzidas dentro do campo das ciências humanas e

sociais. Nessa integração encontramos na RD, possibilidades de desenvolver uma Educação para as Drogas mais democrática, que considere a realidade do estudante e estimule seu protagonismo (Coelho; Monteiro, 2019). Se apropriar das audiovisuais pode ser um caminho de apoio para tratar do tema de forma mais contextualizada e amparada na RD, compreendendo possibilidades de caráter integrado às diversas realidades.

Através das discussões do que chamamos de audiovisuais sobre drogas - podemos perceber as influências dos conteúdos presentes no Currículo Mínimo Irredutível em produções audiovisuais realizadas por estudantes e professores. Tendo em vista o cenário descrito nessa introdução, este trabalho apresenta parte dos dados da dissertação de mestrado de um de seus autores. Sendo assim, nosso objetivo vem sendo analisar as abordagens pedagógicas (proibicionismo e Redução de Danos), presentes em vídeos estudantis produzidos em escolas da Rede pública Municipal do Rio de Janeiro, participantes do Concurso Tirando a Droga de Cena (TDC). Tendo como pano de fundo questões ligadas ao CMI, ao proibicionismo e as possibilidades de uso das audiovisuais sobre drogas, enquanto forma de se trabalhar a Educação para as Drogas como nos apresentam Coelho; Monteiro (2019), extrapolando as barreiras disciplinares das ciências biológicas, de forma mais integrada com outras áreas do saber. Metodologicamente realizamos um estudo qualitativo onde através de coleta documental, identificamos documentos orientadores (editais) e vídeos estudantis selecionados em primeiro lugar no Concurso, entre os anos de 2014 e 2016. Efetuamos transcrição das falas e descrição de algumas cenas dos vídeos, utilizando o Instrumento de Aferição Dual proposto por Silva; Coelho, (2022), para identificação e organização dos conteúdos referentes às abordagens estudadas. A partir daí, destacamos nos textos produzidos, falas ligadas a um dos subtemas do edital do Concurso: **a ação das drogas psicotrópicas no cérebro e em todo o corpo humano (grifo nosso)** e sua relação com o CMI. As análises

do material coletados foram realizadas mesclando nossos referenciais teóricos, somadas aos referenciais metodológicos presentes na análise dialógica do discurso de M. Bakhtin.

SEÇÃO 1: DO AUDIOVISUAL ÀS AUDIOVISUALIDADES SOBRE DROGAS

No mundo contemporâneo, não somente em espaços escolares, o audiovisual está disponível em diversos e diferentes tipos de telas, moldando nossa subjetividade e a construção de valores. A esse cenário, somamos a facilidade de acesso a recursos tecnológicos diversos destinados a produção de vídeos, onde identificamos novos rumos entre as posições tomadas por espectadores e produtores de audiovisual (Kilpp, 2012).

Para Morán (1995), a expressão audiovisual auxilia o professor, pois aproxima a sala de aula do cotidiano do aluno, mobilizando os conhecimentos, a sensibilidade, a intuição e as emoções, podendo atuar como forma de potencializar e contribuir no processo ensino-aprendizagem. É importante que numa abordagem pedagógica, o docente, ao escolher ver ou produzir um vídeo com os estudantes, esteja atento da importância da sua mediação no desenvolvimento do trabalho.

Utilizamos assim a proposta de produção de vídeo estudantil cunhada por Pereira; Dal Pont (2021), usada para denominar ação realizada dentro do espaço escolar, com mediação do professor, possibilitando ao aluno a utilização do conhecimento adquirido nas suas vivências e experiências, com intencionalidade pedagógica e em diálogo entre as mídias e os conteúdos do processo educacional.

Discutimos as audiovisualidades vistas como um termo contemporâneo e inovador, que aparecem como reinvenção do discurso sobre o audiovisual. Feita por experiências de convergências midiáticas que vêm produzindo transformações em nossa sociedade, a ponto de mudarmos nossa posição - de audiência para produtores - com uma perspectiva bem distinta do que tínhamos há tempos atrás – emissão e recepção (Kilpp, 2012; Rincón, 2013). Essas mudanças vêm transformando a relação ensino-aprendizagem, o modelo educativo tradicional, centrado no emissor (produtor), que considera o espectador como

receptor passivo, não levando em conta os conhecimentos prévios dos estudantes e as suas realidades de vida, pois focam numa aprendizagem mecanizada.

Desse modo, problematizamos que um caminho para se debater a Educação para as Drogas de uma forma mais contextualizada com a realidade social dos educandos, seria ampliando as formas de dialogar com o público escolar, sem esquecer das questões multidisciplinares que permeiam nossa discussão.

Pensando em conjunto com o que dizem autores como (Kilpp, 2012; Rincón, 2013; Pereira; Dal Pont 2021), analisar vídeos estudantis que tratam da temática das drogas, nos apresenta uma proposta de pesquisa a partir das audiovisuais, justamente por percebemos que essas produções foram realizadas em colaboração entre estudantes e seus professores, num contexto em que esses agentes são praticantes das audiovisuais contemporâneas. Essa mediação pode ajudar no desenvolvimento de um trabalho pedagógico de Educação para as Drogas no caminho da abordagem da Redução de Danos, seja no contexto das ciências da natureza e/ou em práticas multidisciplinares (Coelho; Monteiro, 2019).

SEÇÃO 2: O CONCURSO TIRANDO A DROGA DE CENA (TDC)

Observamos que a legislação federal sobre drogas, influencia políticas públicas e projetos educativos. Nesse contexto, a promulgação da lei municipal 2.799 de 1999, tornou obrigatória a inclusão de noções de prevenção e defesa contra o uso de drogas e tóxicos nos programas de ensino das unidades escolares do Rio de Janeiro.

Surgem então, em âmbito municipal, a Secretaria Especial de Prevenção à Dependência Química (SEPDQ) e o concurso TDC, desenvolvido pela Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, numa parceria entre a (SEPDQ) e a Secretaria Municipal de Educação (SME). Teve seu início em 2001, com o objetivo de estimular a reflexão acerca da temática da prevenção à dependência química, entre alunos e professores da Rede da SME -

inicialmente a participação se dava com a escrita de textos teatrais - mudando *a posteriori* para a produção de vídeos estudantis.

SEÇÃO 3: OS VÍDEOS ESTUDANTIS E O CURRÍCULO MINIMO IRREDUTÍVEL

Dos doze filmes analisados dentro do recorte da pesquisa, apresentamos no quadro abaixo os dez vídeos onde encontramos falas e/ou cenas que remetem a situações que parecem estar ligadas ao subtema do edital (a ação das drogas psicotrópicas no cérebro e em todo o corpo) e que fazem referência aos itens: descrição dos efeitos das drogas no organismo e no sistema nervoso central e os danos à saúde e a vida social, presentes nos conteúdos do Currículo Mínimo Irredutível.

QUADRO 1

VÍDEO	ANÁLISE DA PRESENÇA DO SUBTEMA NOS VÍDEOS
Era uma vez	expõe os efeitos depressores e estimulantes no sistema nervoso central.
A escolha*	apresenta possíveis usuários de drogas como indivíduos indisciplinados e desinteressados pela escola.
Drogas? Nem sonhando	informa que a personagem principal sonha que usa droga, mas ao invés de se sentir forte, se sente com medo e perda em mundo de confusão e terror.
Ler é a maior viagem	o personagem principal encontra o colega usuário de drogas transtornado, andando torto, conversando de forma desconexa.
O vício	apresenta termos que costumam estar associados ao uso de drogas ilícitas: vício, medo, nervosismo da personagem ao experimentar, barato que dá, experiência incrível.
Menino Brasil	mostra usuários caídos na rua, uma por cima do outro.
O PEJA cuidando da saúde do corpo e da mente	reforça a ideia de problemas e danos à saúde ligados às drogas ilícitas.

Faz de conta	traz visões estigmatizadas sobre usuários de drogas, com termos como: cracudo, zumbis e personagens de filme de terror. Que são reforçadas por cenas de uso com pessoas caídas pelo chão.
O fim é somente o começo	utilizando histórias de mortes ocorridas possivelmente pelo uso de drogas.
A escolha*	apresenta imagens de uma festa onde uma menina consome álcool, passando de uma situação de euforia para um desmaio.

Fonte: elaborada pelos autores (2025).

* vídeos diferentes com mesmo título.

Identificamos aqui a influência do subtema em tela, que trata sobre a ação das drogas no sistema nervoso e no corpo. Segundo os editais do Concurso além de estarem inseridos na temática principal, os vídeos participantes deveriam expressar os subtemas de forma combinada ou individual. A partir dessas análises percebemos como o subtema supracitado pôde influenciar de forma bem expressiva no produto final do trabalho pedagógico de produção dos vídeos.

Corroborando com a literatura, no período estudado, a dinâmica do Concurso apresenta forte influência de conceitos ligados as ciências médicas, assim como apresentados nos conteúdos do CMI, essa presença reforça a identificação da abordagem proibicionista nas produções audiovisuais estudadas.

Incluímos nessa discussão a noção de enunciado, enquanto parte da cadeia comunicativa, que se processa numa relação dialógica, e se constitui numa resposta ou posicionamento ao que foi dito antes, através das representações que o indivíduo tem como resultado de nossa história (Bakhtin, 2014). Analisamos o processo de elaboração enunciativa reproduzido nos textos fílmicos enquanto elementos da comunicação verbal, que implicam conflitos, relações de dominação e resistência, adaptação ou oposição à hierarquia e estabelecimento de relações de poder através da utilização da língua, que representa a dimensão social do dialogismo. Orientados pela ideia de que a comunicação

se dá através da linguagem - constituída como um fato social (Bakhtin, 2014). Cabe lembrar que por terem sido escolhidos em primeiro lugar, os vídeos analisados estão em consonância com os pressupostos presentes nos editais. Sendo assim, reconhecemos que são produtos das relações dialógicas entre estudantes, professores e as diretrizes presentes nesses documentos orientadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando as relações dos escolares com as diferentes substâncias psicoativas e os efeitos negativos da guerra às drogas, maximizados em grupos socialmente excluídos e que estão presentes em nossas nas escolas, reconhecemos esses espaços com potencial de desenvolver projetos pedagógicos que caminhem numa visão antiproibicionista. Assim, como refletem Coelho; Monteiro, (2019) e Silva (2019), devemos considerar possibilidades que extrapolem as barreiras disciplinares das biociências. Para os autores, na construção de uma Educação para as Drogas no contexto da Redução de Danos, podemos encontrar forte influência de conhecimentos inerentes à área das ciências humanas, conferindo um caráter mais global e multidisciplinar no processo de ensino-aprendizagem.

Seja no ensino das ciências biológicas e/ou em caminhos multidisciplinares de interações curriculares, na medida em que nos aproximamos da abordagem da Redução de Danos, elaborar atividades pedagógicas no contexto das audiovisualidades, pode ajudar a desenvolver uma educação participativa e, portanto, mais democrática, visto que no diálogo entre as mídias, os agentes envolvidos podem utilizar conhecimentos adquiridos em suas vivências e experiências, produzindo roteiros inerentes ao desenvolvimento das audiovisualidades sobre drogas (Kilpp, 2012; Rincón, 2013; Coelho; Monteiro, 2019; Pereira; Dal Pont, 2021).

REFERÊNCIAS

- ADADE, M.; MONTEIRO, S. Educação sobre drogas: uma proposta orientada pela redução de danos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 215-230, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://encurtador.com.br/L1ZwN> Acesso em: 02 out. 2022.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16ª ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014. 203p.
- BASTOS, F. I. P M *et al.* (org.). **III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira** (III LNUD). Rio de Janeiro: Fiocruz/ICICT, 2017.
- BRASIL. **Lei nº 6.368, de 21 de outubro de 1976. Dispõe sobre medidas de prevenção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica**. Brasília, DF, 21 de outubro de 1976. Disponível em: <https://encurtador.com.br/Gijvh>. Acesso em: 04 mai. 2024.
- COELHO, F. J. F; MONTEIRO, S. Ensino de ciências biologia e Educação sobre Drogas: Diálogos necessários. In: IX EREBIO, 2019, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: EREBIO, CIEAA, 2019. Disponível em: <https://encurtador.com.br/JyFtn>. Acesso: 20 set. 2024.
- COELHO, F. J. F; SILVA, M. L. Materiais educativos sobre maconha e outras drogas: contexto de emergência, política educacional e Impactos na formação de professores. In: PEREIRA, T.F.P.D.; MAXIMILIANO, M. (Orgs.) **Maconha no Brasil Contemporâneo, reflexões, desafios e possibilidades para além da Cannabis medicinal**. 1ª ed., Rio de Janeiro. Editora Vista Chinesa, 2024, Parte 3, capítulo 19, p. 228-251.
- KILPP, S. Dispersão-convergência: apontamentos para a pesquisa de audiovisualidades. In: MONTAÑO, S.; FISCHER, G.; KILPP, S. (Orgs.). **Impacto das novas mídias no estatuto da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p.223-238.
- MACHADO, A. S. **Educação sobre drogas na escola: concepções e práticas de professores egressos de um curso EAD sobre o tema**. Orientador: Pedro Pinehiro Teixeira. 176f. Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, Rio de Janeiro 2023.
- MORÁN, José Manuel. **O vídeo na sala de aula**. Revista Comunicação & Educação, São Paulo, Vol.1 nº 2. Jan/abr., 1995. p.27-35.

PEREIRA, J.; DAL PONT, V. A formação de professores na produção de vídeos estudantil: importância dos cursos de licenciatura se abrirem para novas metodologias.

Revista Roquette-Pinto, Pelotas-RS, nº 5, 2021. p.17-24. Disponível em: <https://encurtador.com.br/LfWGh>. Acesso em: 20 set. 2024.

RIBEIRO, M. M.; JÚNIOR, A. C. B. Conceito de Redução de Danos em Políticas Públicas Relacionadas a Drogas. **Boletim do Instituto de Saúde**, São Paulo, 21(2), p.32-39, 2020.

RINCÓN, O. Experiencias de Convergência: Inovação na análise e na expressão audiovisual. In: BERINO, A.; SOARES, C. (Orgs.) **Educação e Imagens II: Currículos e Dispositivos de Produção e Circulação de Imagens**. Petrópolis, RJ: Editora DP et ali – de Petrus, 2013. p. 23-36.

RIO DE JANEIRO. **Lei nº 2.799, de 30 de abril de 1999. Torna obrigatória a inclusão de noções de prevenção e defesa contra o uso de drogas e tóxicos no programa de ensino das unidades escolares do município do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, RJ, 30 de abril de 1999. Disponível em: <https://bit.ly/4jcGEnL>. Acesso em: 13 jun. 2023.

RODRIGUES, T. **Narcotráfico: uma guerra na guerra**. 2ª.ed. São Paulo: Desatino, 2014. 144 p.

SILVA, M.L. **Álcool, medicamentos e outras drogas nos materiais paradidáticos entre os anos 1970-2000: embates de sentidos na educação**. In: Anpuh-Brasil – 30º Simpósio Nacional de História, Recife, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/42IXcNj>. Acesso em: 02 dez. 2022.

SILVA, M.L.; COELHO, F.J.F. Argumentos a favor de um instrumento de aferição dual sobre programas e materiais didáticos/paradidáticos em educação sobre drogas. In: 15º Congresso Scientiarum História, 2022, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: HCTE, UFRJ, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/42jEL2D>. Acesso em: 02 jul. 2023.